

ESPOROTRICOSE – UMA REVISÃO DE LITERATURA

VALENTE, Rafaela
VITALLI, Luanda
KROLIKOWSKI, Giovani

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma infecção fúngica subcutânea provocada por espécies do complexo *Sporothrix schenckii*, distribuídas globalmente, mas com maior ocorrência em regiões de clima tropical e subtropical. No contexto Brasileiro, essa micose vem ganhando destaque como relevante problema de saúde pública, em razão do aumento expressivo dos casos zoonóticos, principalmente ligados à transmissão por gatos domésticos.

Nas últimas décadas, o interesse da comunidade científica pela esporotricose tem se intensificado, impulsionado pela ocorrência de surtos urbanos e pela caracterização de novas espécies do gênero *Sporothrix*, entre elas *S. brasiliensis*, reconhecida por sua maior virulência. Assim, esta revisão busca sintetizar os principais avanços e desafios relacionados à doença, abordando seus aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos.

DESENVOLVIMENTO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do gênero *Sporothrix*, com destaque para *S. brasiliensis* no Brasil. Esses microrganismos são dimórficos: no ambiente apresentam forma filamentosa e, no hospedeiro, transformam-se em leveduras. Habitam solo e matéria orgânica em decomposição, preferindo condições quentes e úmidas (Pires, 2017; Araújo et al., 2020).

Trata-se da micose subcutânea mais frequente na América Latina, especialmente em áreas tropicais. No Brasil, surtos são comuns, com maior incidência no estado do Rio de Janeiro, onde a notificação da doença é obrigatória. Gatos machos, sem raça definida e com livre acesso às ruas, são os principais vetores, transmitindo o fungo por arranhaduras, mordidas ou contato direto com secreções (Larsson, 2011; Gremião et al., 2017).

Figura 01: Gato com esporotricose, lesões características em região de face e orelhas.



Fonte: G1, 2024.

A infecção inicia-se quando o fungo penetra na pele lesionada, alcançando o tecido subcutâneo, onde adota a forma leveduriforme e provoca reação inflamatória granulomatosa. Em casos graves, pode disseminar-se pelo sistema linfático ou sanguíneo, afetando órgãos internos. A evolução depende da resposta imunológica do animal (Ettinger & Feldman, 2004).

Nos felinos, os sinais clínicos variam desde lesões cutâneas até acometimento sistêmico. Nódulos e feridas ulceradas com secreção e crostas surgem principalmente na cabeça, focinho, cauda e extremidades. Em infecções avançadas, observam-se febre, apatia e anorexia. Em humanos, as manifestações são geralmente cutâneas ou linfáticas, resultantes do contato direto com gatos infectados (Pires, 2017; Araújo et al., 2020).

O diagnóstico é feito com base na história clínica e exame físico, confirmado por exames laboratoriais como citologia, cultura micológica ou histopatologia. A presença de células leveduriformes em formato de charuto é indicativa de *Sporothrix* (Schubach & Schubach, 2000; Almeida et al., 2018).

O tratamento recomendado é o itraconazol, administrado a 10 mg/kg/dia em felinos, mantendo a terapia por 30 dias após a cicatrização das lesões. Em casos graves, pode-se utilizar anfotericina B. Medicamentos imunossupressores são contraindicados, pois favorecem a progressão da infecção (Lloret et al., 2013; Araújo et al., 2020).

A esporotricose representa um desafio à saúde pública, principalmente por ser uma zoonose transmitida de gatos para humanos. Não ocorre transmissão direta entre pessoas. A prevenção envolve isolamento e tratamento dos animais infectados, uso de equipamentos de proteção individual durante o manejo, castração e restrição da circulação de gatos nas ruas. O médico-veterinário desempenha papel fundamental na orientação dos tutores e no controle da doença (Barros et al., 2010; Greene, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose é uma importante zoonose de relevância crescente no Brasil, especialmente pelo aumento de casos envolvendo felinos domésticos e a capacidade de transmissão ao ser humano. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado com antifúngicos, aliados a medidas de prevenção são essenciais para conter a disseminação.

Portanto, é importante uma abordagem integrativa de ações conjuntas entre veterinários e profissionais da saúde e a comunidade para o controle eficaz dessa doença.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. K. L. et al. Esporotricose felina e humana – relato de um caso zoonótico. *Rev. Bras. Hig. San. Anim.*, v. 14, n. 2, p. 237-247, 2020.
- BARROS, M. B. L. et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. *Rev. Panam. Salud Pública*, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.
- GREENE, C. E. *Infectious diseases of the dog and cat*. 4. ed. Elsevier, 2012.
- GREMIÃO, I. D. F. et al. Zoonotic epidemic of sporotrichosis: cat to human transmission. *PLOS Pathogens*, v. 13, n. 1, 2017.
- G1 Globo. Gato resgatado das ruas recebe tratamento para doença grave. 11 set. 2024. Acesso em: 26 out. 2025.